

aborda o específico dos ritos de iniciação e de bênção, de religiões mais afastadas até aos rituais consagrados no Cristianismo. «Os ritos religiosos são essencialmente consagrações que têm por função principal fazer participar a condição humana num princípio que a ultrapassa e que a funda: fazer penetrar a potência *numinosa* na ordem humana» (pág. 685).

No «epílogo» procura traçar com brevidade as linhas de fundo que considera presentes na antropologia religiosa atual «como estudo do homo religiosus enquanto criador e utilizador do conjunto simbólico do sagrado e enquanto portador das crenças religiosas que dirigem a sua vida e o seu comportamento» (pág. 677): a expressão do sagrado e sua significação; a sua experiência; o homem religioso como homem simbólico; o mito como linguagem e como mensagem; o rito presente e atuante na sua vida.

Na sua longa investigação, o autor serve-se quer «da comparação tipológica» de Mircea Eliade, quer da «comparação genética» de Georges Dumezil.

**

Um livro de consulta para estar presente na biblioteca atualizada de qualquer erudito de hoje e sobretudo dos peritos da História das religiões; constitui um excelente instrumento para responder às questões do homem de hoje na simples constatação de que «em todas as religiões, o centro torna possível a comunicação com o sagrado, donde a importância do santuário, do templo, da árvore cósmica, da montanha sagrada. Simbolismo celeste e simbolismo do centro são tributários um do outro» (19). O simbolismo do centro é fulcral para o sentido mendigado pelo homem de hoje.

J. SILVA LIMA

PANIKKAR, Raimond, **Pluralisme et Interculturalité**, Tome VI – vol. 1 des *Œuvres – Cultures et religions en dialogue* –, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 448 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09596-9.

Neste volume são coligidos e editados dezoito estudos escritos e anteriormente publicados pelo autor entre 1975 e 2007. Raimond Panikkar é bem conhecido pela sua dedicação à problemática do diálogo entre as religiões, entre as diferentes culturas e entre as religiões e as culturas. Trata-se de um interesse, ou mesmo uma paixão, que lhe estava no sangue. Nascido em Barcelona em 1918, de mãe espanhola e católica e de pai indiano e hindu, tendo feito estudos nas áreas da química, da filosofia e da teologia, foi um cientista e um humanista, tendo ainda sido ordenado padre em 1946 e exercido o magistério em diversas universidades dos Estados Unidos, da Europa e da Índia.

A sua tese de fundo situa-se entre dois extremos: nem podemos pensar que a verdade é nossa e que os outros estão no erro, nem podemos pensar que vivemos numa aldeia global onde a mesma verdade devesse ser entendida do mesmo modo por todos, subentendendo que há uma única cultura, a mesma para todos. Vivemos e procuramos a verdade no seio de diferentes tradições culturais e/ou religiosas. Somos por isso convidados a (re)descobrir as virtudes do pluralismo e da interculturalidade, ultrapassando quer a tentação de olharmos a humanidade inteira na perspectiva de um homem unidimensional (como diria Marcuse), quer o relativismo cultural ou religioso, quer o indiferentismo, quer a fragmentação da natureza humana. Do que se trata é de cultivar um pensamento holístico que, ao mesmo tempo, assume as

diferenças e se apoia no reconhecimento do carácter irreduzível e indispensável da pluralidade das culturas. A causa da paz entre os humanos passa, por conseguinte, necessariamente, pelo diálogo intercultural e inter-religioso, temática que será objeto do segundo tomo deste volume sobre «Culturas e religiões em diálogo».

Na sua Introdução a este volume, Panikkar afirma textualmente: «O pluralismo vai além das diferenças (pluralidade) e das variedades (pluriformidade). O pluralismo está ligado à *diversidade* radical.» (p. 15). Este passo na compreensão da problemática do pluralismo pressupõe dois outros anteriores. O primeiro é a *perspetividade*: se, em si mesma ou na sua objetividade, a verdade do que quer que seja é uma e tende por isso a ser a mesma para todos, todavia cada qual vê-a a partir da sua perspectiva própria, não vendo por isso mais que uma parte dela. O segundo passo é a *relatividade*: «cada coisa depende de uma série de situações em que um caso, uma afirmação, um facto particular podem ser expressos, ou falsificados, ou verificados, ou o que se queira» (p. 16); daí que toda a reivindicação absolutista deva ser abolida. Ainda no interior da Introdução, Panikkar expõe (sempre com rara clareza) alguns aspectos a ter em conta quando se trata da verdade. São três teses fundamentais: 1) A verdade está para além da unidade e da pluralidade; 2) A verdade não tem centro; 3) A verdade é polar.

Sob esta postura de fundo, muitos e variados são os problemas, os aspectos, as dificuldades, etc., que este pensador versa nos dez capítulos dedicados ao pluralismo (Primeira parte do livro) e nos seis consagrados à interculturalidade (Segunda parte): irreduzibilidade da praxis à teoria; monismo, dualismo e a-dualismo; o *aliud* e o *alter*; dialógica e

dialética; identidade religiosa e pluralismo, com as inerentes (possíveis) atitudes agressiva, regressiva e progressiva; o pluralismo religioso, com a insuficiência das variadas respostas monistas (só uma religião é verdadeira; todas as religiões são verdadeiras; todas as religiões são falsas; a religião é um assunto privado; as religiões são produtos históricos); pluralismo, tolerância e cristandade; sincretismo e ecletismo; ecumenismo ecuménico e ecumenismo crítico (na primeira parte). E na segunda: três grandes interpelações da interculturalidade: ultrapassar o pensamento analítico, ultrapassar o pensamento conceptual, ultrapassar o pensamento escrito; antropofania intercultural; libertação da teologia antes de uma teologia da libertação; relação entre a interculturalidade e a paz, com aporções sobre as atitudes interculturais, o diálogo dialogal e o diálogo duologal, a confiança mais que a certeza; etc. etc.

Este é um livro de grande qualidade e de enorme interesse, num tempo de «choque de civilizações» em que, felizmente, a preocupação pelo diálogo inter-religioso e intercultural, no respeito pelas diferenças (embora nem sempre na preocupação e na busca d verdade), vem procurando fazer frente às tensões e conflitos entre religiões e culturas.

JORGE COUTINHO

ARÈNES, Jacques, **Croire au temps du Dieu fragile. Psychanalyse du deuil de Dieu**, coll. « Sciences humaines et religions », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 394 p. 215 x 135, ISBN 978-2-204-09320-0.

Tempo do Deus frágil é o tempo da «morte» de Deus. É por ele que os sinos